

FORMAS DE TRATAMENTO E ESTRUTURAS SOCIAIS

Maria Tereza Camargo Biderman

Introdução

Uma comunicação de Roger Brown e Albert Gilman "The Pronouns of Power and Solidarity"¹, apresentada há mais de 10 anos no congresso sobre "Estilo na Linguagem" na Universidade de Indiana constitui um marco na sociolinguística americana contemporânea. Vários trabalhos foram publicados posteriormente nos Estados Unidos, fundamentados na pesquisa pioneira de Brown e Gilman. A leitura desse trabalho e de outros que se lhe seguiram, levaram-me a investigar o problema das formas de tratamento, relacionando-as com as estruturas sociais nas sociedades latinas, particularmente na Península Ibérica e na América Latina.

I. Brown e Gilman apresentam uma visão da sociedade como polarizada entre duas forças: o poder e a solidariedade. Para eles o poder foi a força dominante das formas de relações sociais no passado. Nos tempos modernos essa força se estaria enfraquecendo, substituída por um novo ideal: a solidariedade. Estudaram eles os pronomes de tratamento em algumas línguas das sociedades modernas ocidentais (inglês, francês, italiano, espanhol e alemão), bem como outras línguas da Europa, África e Índia.

As sociedades fechadas do passado morosamente se transformaram nas sociedades abertas do presente. A força de expansão da solidariedade derrubou, ou pelo menos está tomando de assalto os baluartes do poder.

Na Idade Média podem ser encontrados os fundamentos das sociedades fechadas que imperaram outrora na Europa.

(1) *Style in Language*, ed. T. A. Sebeok, Press of M.I.T., 1960, pp. 253-276.

Essas estruturas arcaicas transmitiram-se por séculos de uma geração a outra e ganharam o Novo Mundo, para onde foram levadas pelos colonos europeus, que aí fundaram novas nações, pautadas, porém, no modelo europeu.

A sociedade de estrutura fechada não é, porém, invenção puramente européia medieval. Outros povos, com culturas mui distintas, conheceram os mesmos esquemas sociais e também os mantiveram imutáveis por séculos. Assim a Índia.

Num excelente artigo sobre certas regras de conduta na sociedade indiana, Dhanesh K. Jain² evidencia a força da semântica do poder na sua sociedade. O "status" social de cada um dos membros da diáde humana no diálogo, determina as regras que devem ser observadas por cada um deles. Numa relação simétrica — ambos os interlocutores são iguais — o mais velho receberá os títulos e o tratamento de respeito condizente com a sua idade. A escala de títulos por ele alistada inclui 12 itens!³ Na escala do poder o rei e o líder religioso encontram-se no topo da hierarquia social. Eles receberão sempre um tratamento de respeito e a sua relação com outro indivíduo será sempre assimétrica. Curiosa nessa semântica dos comportamentos, a relação assimétrica: homem-mulher. A mulher é sempre inferior. Na relação conjugal ela deve respeito ao marido e o trata com um pronome de nível imediatamente superior ao que recebe. Se recebe *tum* dá *tum* ao marido; se recebe *tum*, dá *ap*. Como inferior que é, não pode manifestar sentimentos como raiva e irritação contra o marido. Ele pode discutir e gritar com ela, usando formas de tratamento de outra categoria, como p.ex., mudar o pronome de tratamento de *tum* para *tu*. Ela, po-

(2) "Verbalization of Respect in Hindi" in *Anthropological Linguistics*, vol. II nº. 3, March 1969, ps. 79-97.

(3) Ordem descendente dos títulos segundo a hierarquia de mais alto respeito:

- 1) hakeem *doctor* + *sahab*
- 2) hakeem + *ji*
- 3) *shri* + nome próprio
- 4) Mr. + nome de família
- 5) Mr. + nome próprio
- 6) *babu* + nome próprio
- 7) nome de família + *sahab*
- 8) nome próprio + *sahab*
- 9) nome de família + *babu*
- 10) nome próprio + *babu*
- 11) nome de família + *ji*
- 12) nome próprio + *ji*

rém, só manifestará os seus sentimentos de indignação através do choro.

Na Europa, nos séculos que se seguiram à Idade Média, preservaram-se costumes do passado e os sinais lingüísticos que veiculavam essas formas de comportamento.

A aristocracia feudal expandiu-se em clubes aristocráticos dos potentados renascentistas. Na Itália, as cortes das senhorias locais de ducados, cidades, marquesados e condados. Na França, na Península Ibérica, Alemanha e Áustria, Inglaterra, as cortes dos soberanos e alguns que outros fidalgos locais, formaram os clubinhos dos eleitos em cada uma dessas sociedades fechadas. Esteriotiparam-se comportamentos, considerados “bem” entre os diferentes membros dessa aristocracia e os seus clientes burgueses. Cunharam-se formas de tratamento, utilizando as já existentes e criando-se outras que correspondiam aos novos refinamentos da sociedade “afluente” da época. As cortes dos príncipes italianos constituem exemplo notável. Em meio àquela sociedade de lazer dos poderosos é que encontramos um nunca acabar de regras de boa educação, de bom comportamento, de etiqueta “tout court”. A linguagem escorreita e os comportamentos elegantes encheram muitos e muitos manuais, livros de cabeceira dos aristocratas. Os “galateos”, “cortesãos”, “livros de bons costumes” são os maiores “best-sellers” desse tempo. *Il Cortegiano* do conde Baldesar Castiglione (cortesão da corte de Urbino) teve 101 edições no século XVI; 14 no século XVII, 10 no séc. XVIII e 15, no XIX! Traduções em várias das línguas “civilizadas” da Europa de então: espanhol, francês, alemão, inglês e latim. Além das 52 edições italianas, foi impresso na Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Países Baixos.

Um fóssil desse passado aristocrático pode ser reconhecido em todas as sociedades ocidentais que se nutriram da mãe Europa: a etiqueta. Toda sociedade diferenciada em classes, insiste em cultivar uma etiqueta que individualize a elite da massa. Em francês, em hindi, em inglês e em português há formas de tratamento que distinguem os aristocratas e a “alta sociedade”. Até nos Estados Unidos que se considera um modelo de igualitarismo entre as sociedades modernas, se cultiva a etiqueta. E não só na “corte” de Washington. Vale a pena folhear um livro americano de etiqueta como o *Vogue's Book of Etiquette* para se formular uma idéia sobre esse traço comum das elites de todos os tempos ³⁴.

(3a) Fenwick. New York, Simon and Schuster Inc., 1948.

O ideal igualitário “Liberté, égalité, fraternité” dos revolucionários franceses não conseguiu romper os diques da tradição consuetudinária. Só aparentemente e na superfície, foi atingida a estrutura social dos tempos feudais e monárquicos. As relações sociais no século XIX permaneceram mais ou menos estáticas. A corte napoleônica ressuscitou os faustos e os ritos do comportamento aristocrático. Contudo, a semente da solidariedade universal tinha sido plantada. No século XX ela está germinando e atingindo a maturidade de árvore adulta.

II.

A) 1. Na Romênia medieval quando se constituíram os padrões literários e normativos das línguas românicas modernas, a estrutura social exibia três distintos “status”: a nobreza, o clero e o povo. As relações entre esses estados eram evidentemente assimétricas. Estando as duas primeiras no topo da sociedade, a elas era devido o respeito e elas exerciam autoridade. Outra forma de relação assimétrica é a então existente entre os dois sexos e, no interior da família patriarcal, entre pais e filhos.

Poderíamos esquematizar assim essas relações:

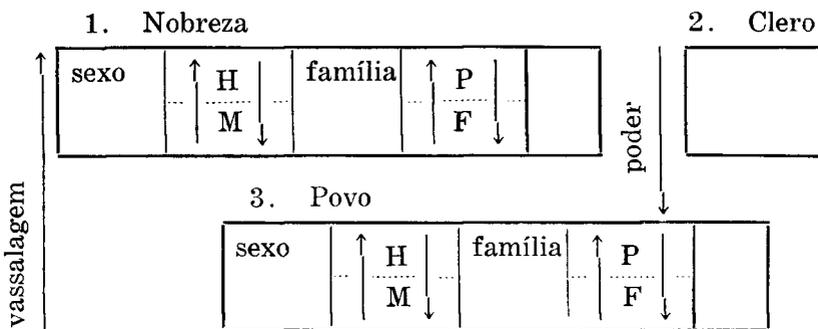


Fig. 1 — O membro de cada díade que está no alto representa o princípio de supremacia.

O tratamento entre as classes e os membros de cada díade obedeciam ao esquema geral proposto por Brown e Gilman: a relação de poder prevalecendo e a assimetria de poder claramente indicada pela forma de tratamento usada.

Na *Crônica de D. Afonso Henriques*, Frei Antônio Brandão⁴ fornece curiosas informações sobre tratamentos e poder. Comenta ele que, nos começos das monarquias lusitana e castelhana, não se usava o título de *Dom*, a não ser quando referindo o rei e seus filhos legítimos. Assim, p.ex., o conde de Castela, Fernão Gonçalves, apesar de senhor absoluto, nunca recebeu tal título. Isso porque *Dom* derivando de *dominus*, isto é, <senhor> não se aplicava nem aos maiores príncipes e governadores. No final do século XII, porém, os cronistas começam a usá-lo referindo os ricos-homens e senhores feudais, embora impropriamente. No século XIII se generaliza ainda mais. Entretanto, até D. Afonso V foi privilégio limitado por el-rei. Nesse tempo multiplicaram-se os títulos de conde, marquês e duque e, junto com esses, o de *Dom*.

À medida, pois, que a nobreza se vai ampliando, os privilégios estendem-se a mais e mais indivíduos; por conseguinte, se desgastam. No começo da Renascença o *Dom*, p.ex., já não era mais que uma forma respeitosa e elegante para alguém endereçar-se a um fidalgo. Com o passar do tempo e com a expansão ainda maior do antigo círculo concêntrico da nobreza, ele se aplicará cada vez mais indiscriminadamente. No século XVIII já nem mais distingue apenas nobres:

“Don es el amo de una casa; Don, cada uno de sus hijos; Don, el domine que enseña gramática al mayor; Don, el que enseña a leer al chico; Don, el mayordomo; Don, el ayuda de cámara, Doña, la ama de las llaves, Doña, la lavandera... así son más los dones de cualquiera casa, que los del Espíritu Santo (.....)”

No hay duda que es estragante el número de los que usurpan el tratamiento de *Don*; abuso general en estos años, introducido en el siglo pasado y prohibido expresamente en los anteriores.”⁵

No século XIX Juan de Arona satirizava a extensão do título de *Dom* até mesmo à criadagem de Lima, muitos deles descendentes de escravos. Atribui tal paradoxo aos “males grotescos da democracia”.

Quando os nobres começaram a usurpar o título de *Dom* aos monarcas, esses passaram a reivindicar outros que se lhes aplicasse privativamente. Francisco Rodrigues Lobo apresenta uma pitoresca visão da usurpação de títulos entre as classes:

(4) Edição de A. de Magalhães Basto. Pôrto, Civilização, 1945, pp. 259-263.

(5) Cadahalso, *Cartas Marruecas*, apud Juan de Arona, *Diccionario de Peruanismos*. Lima, Librería Francesa Científica. J. Galland, 1882, pp. 188-189.

“Nas palavras se quiseram os Reis levantar mais com os títulos divinos; e de *mercê* e *senhoria*, que era o seu próprio lugar, subiram a *Alteza*, que era só de Deus, e depois a *Majestade*; e ainda, se se puderam chamar *Divindade* e *Omnipotencia*, me parece que o fizeram. Aos iguais tratamos de *mercê*, com que fomos tomando o que os reis deixaram; e ficou-se o *vós* e a brandura dêle para os amigos(...)”⁶

2. Na Idade Média a sociedade era estática nas suas inter-relações, utilizando um conjunto simples de formas de tratamento. A Renascença trará consigo a primeira amplificação da sociedade do topo, particularmente na Itália, onde a burguesia do dinheiro substituiu-se ou somou-se à nobreza de nascimento. Além disso, os senhores e príncipes italianos foram geralmente mecenas que se fizeram cercar da “inteligência” contemporânea e dos artistas locais. A clientela das numerosas cortes da Itália renascentista, com o servilismo que caracteriza essa forma de relação, desenvolveu um maneirismo de tratamento complexo entre a senhoria local e os seus cortesãos. Um exemplário de cartas do século XVI⁷ evidencia a profusão dos títulos com que os cortesãos se tratavam entre si: “Maestro, Reverendo, Signor, Signor mio, V.S., Ilustrissimo, Illustrissimo Signore, Vostra Illustrissima Signoria, Vostra Eccellenza, Reverendissimo e Magnifico, Loro Signorie Reverendissime, Madama, Vostra Maestà, Serenissima Regina, Il Re Cristianissimo, Vostra Santità”.

No artigo *excellence* do seu dicionário francês do século XVI, Edmont Huguet transcreve o comentário irónico de Des Périers sobre o maneirismo italiano da época: “Un italien (...) va dire a l’abbé sans oublier les reverences, excellences et magnificences...”⁸. Os verbetes *eccellentissimo*, *eccellenza* do *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1886) abundam desses tratamentos espigados nos documentos literários da Renascença.

Para testemunhar o clima de relações de um cortesão com um senhor de quem é vassalo, vamos transcrever passagens de uma carta de Bibbiena (1470-1520), cliente dos Medici,

(6) *Côrte na aldeia*. Ed. de Afonso Lopes Vieira. Lisboa, Sá da Costa, 1959, p. 235. O autor escrevia em 1618.

(7) Giuseppe Guido Ferrero, *Lettere del Cinquecento*. Torino, Unione Tipografica — Editrice Torinese, 2.^a ed., 1967.

(8) *Dictionnaire de la langue française du seizième siècle*. Paris, Didier, 1946.

e futuro cardeal Bibbiena por ordem e graça do papa Medici, Leão X.

Carta a Giuliano de' Medici (filho de Lorenzo il Magnifico e irmão de Leão X), casado recentemente:

“Or come potrò io, Illustrissimo Signor mio caro, con penna esprimere l'estremo piacere che ha preso Nostro Signore, il Reverendissimo e Magnifico vostri ⁹ le vostre sorelle, tutta la Corte ¹⁰, ma un vostro creato più che ciascuno, della contentezza, della soddisfazione e del giubilamento di V.S. del tanto nobile desiderato maritaggio? ¹¹ e più che d'altra cosa del piacervi e del satisfarvi così estremamente la Illustrissima vostra consorte? (.....)

Vi dico, patrone, che voi non potreste imaginarvi con quanto desiderio Sua Eccellenza è aspettata e desiderata. (.....) (Vespuci) Ha solamente baciato i santi piedi a Nostro Signore, la cui Santità lo ha visto, accolto e baciato con quella tenerezza che faria voi parendole veder la Eccellenza vostra. (.....) ¹²

Io non son con che parole ringraziar vostra Eccellenza, si dell'amorevole lettera che m'ha scritta di sua mano, si dell'opera fatta per lei in ponermi in grazia con g'illustrissimi Signori cognato e consorte. Sforzerommi con la servitù e con l'opere mie verso le loro Eccellenze far si che conoscano ch'io non sono meno osservante e obediencie alle loro Eccellenze che io mi sia a Nostro Signore e a Vostra Signoria: e ho anche speranza che elle non mi ameranno punto meno di quello che si faccia o Sua Santità o Vostra Eccellenza.” ¹³

Observa-se aí a humildade hipócrita e o servilismo do cortesão para com os membros da família Medici.

O código das relações normativas nas cortes, foi definido à perfeição no “best-seller” do conde Baldesar Castiglione. Nos diálogos que aí se entabulam entre alguns cavalheiros e damas da corte de Urbino, as personagens tratam-se sempre com cortesia e respeito, referindo-se umas às outras como: “il Signor Ottavian Fregoso”, “la Signora Duchessa”, “il Signor Gaspar”, “la Signora Emilia”, “Madonna Costanza”. Quando não são nobres, os burgueses enobrecidos, são messer Bibbiena, messer Roberto. O pronome de tratamento é *voi*, acrescido das formas respeitosas já indicadas.

(9) Leão X, papa.

(10) A côrte papal em Roma.

(11) Giuliano de' Medici casara-se com Filiberta di Savoia.

(12) Vespucci fôra enviado por Giuliano ao papa.

(13) *Lettere del Cinquecento*, o.c., ps. 95-99.

Formas de tratamento respeitosas e até servis como *Maestà, Santità, Eccelenza, Signoria*, derivadas de abstratos, já foram utilizadas no latim medieval eclesiástico. A Renascença italiana apenas multiplicou essas formas como vimos. Outras cortes da época, como a inglesa, adotaram algumas formas: *Your Excellency, Your Grace, Master*.

Na Itália, no século XVI, os títulos honoríficos são normalmente acompanhados da forma verbal na 3.^a pessoa sing. Generalizam-se, pouco a pouco, como padrão mais respeitoso do que *voi*, porque indireto. Essa forma indireta, aliás é velha como a bíblia. Assim Jacó dirigindo-se a Esaú no livro do *Gênesis*: “É pra achar graça aos olhos do meu senhor” (XXXIII, 8).

Além dos títulos, passa a ser comum na Itália renascentista o uso de formas pronominais da 3.^a pessoa — *ella, lei* — para substituir *voi*¹⁴. Tal prática começa a ser corrente em outras culturas românicas: na Espanha e em Portugal circulavam tanto como na Itália. Aparentemente na França tal forma indireta de tratar causava estranheza no século XVII, pois Antoine Oudin comenta na sua *Grammaire Espagnole* (1659), que os espanhóis usam *el* (3.^a p.) e *vuestra merced* (3.^a p.) dirigindo-se ao interlocutor¹⁵, ao invés da 2.^a p. como em francês. Entretanto, no mesmo século, Molière dirigindo-se a Luís XIV e tratando-o por *Sire, Votre Majesté*, usa sempre a 3.^a p.¹⁶. Por conseguinte, o rei era tratado dessa forma indireta, mais cortês e talvez mais servil.

Quando as cortes italianas entraram em decadência aquela profusão de títulos honoríficos consuetudinários seguiram a mesma sorte. Entretanto, alguns se mantiveram na cultura italiana e em outras culturas latinas que os importaram da

(14) Oliver M. Johnston — “*Ella, lei, and la* as polite forms of address” in *Modern Philology*. vol. one, 1903-1904. Chicago, The University of Chicago Press, 469-475.

(15) “Les Espagnols ont une manière de parler à la seconde personne, usant de cet article *el* et *le* ON (sic) lieu de *vos* ou de *vuestra merced*, d'autant que *vos* estant parole abiecte, s'use encore moins que nous n'usons *tu* en François; mais ce titre de *vuestra merced* estand aussi trop pour toutes François; ce titre de *vuestra merced* estand aussi trop pour toutes sortes de gens, ils on ce moyen qui est ceste troisième personne, prenant l'article *el* et *le*, comme dit est, exemple: “Si *el* quiere hazerlo”; “y *él* qué ha dicho?””, apud Plá Cárcelas “La evolución del tratamiento de *vuestra merced*” in *Revista de Filología Española* X (1923), p. 249.

(16) Placets au Roi (présenté au Roi sur la comédie du Tartuffe)...*Théâtre choisie de Molière*. Par E. Thirion, Paris, Hachette, 1899, ps. 203-209.

Itália. *Sua Eccellenza* vai desaparecendo no século XVII e *lei* e *ella* triunfam como formas quase exclusivas de tratamento cortês em italiano. Contemporaneamente a cultura italiana ainda se caracteriza por um conjunto de regras de polidez entre os membros da sociedade, sobretudo se superiormente situados na hierarquia social. E *lei* é hoje a forma universal de tratamento cortês.

5. Na França as formas de tratamento foram sempre mais simples, mesmo ao tempo do preciosismo que Molière ridiculariza nas *Précieuses Ridicules*. Desde a Idade Média o tratamento mais comum entre os nobres, “les gens de qualité”, era *vous*, trato de iguais. O *tu* aparece como variante estilística nos momentos de emoção, ou para marcar a intimidade. “Só as classes inferiores servem-se apenas de tu”¹⁷. O *vous* se estende como marca de “bienséance”, bons costumes, e no “grand siècle” quase elimina *tu* totalmente na linguagem dos salões¹⁸. Sofisticação e servilismo de títulos não encontraram guarida nas cortes e salões parisienses, apesar do intenso italianismo que sofreram ao tempo de Henrique II, casado com a florentina Catarina de Medici. *Il Cortegiano* foi também um livro célebre nesses salões preciosos, seguido por numerosas paráfrases “made in France”: *Guide des Courtizans* (1606), *Gentilhomme de Cour* (1611), *Traité de Cour* (1616), *Bienséance de la conversation entre les hommes* (1618), *Secrétaire à la mode* (1641) e o mais célebre deles: *L'Honnête Homme où l'art de Plaire à la Cour* (1630). Na segunda metade do século XVII os salões elegantes de conversação mundana e requintada deixam de ser um privilégio detido apenas por aristocratas de nascimento, para se tornar moda entre todas as elegantes, nobres ou plebéias. Molière caracterizou um deles no que tinham de ridículo na sua comédia sobre as preciosas. Sirva a passagem seguinte de ilustração.

“Magdelon (ao pai): Ah! mon père, ce que vous dites là est du dernier bourgeois, Cela me fait honte de vous oïr parler de la sorte, et vous devriez un peu vous faire apprendre le bel air des choses.

(.....)

Magdelon: Mon Dieu, que vous êtes vulgaire! Pour moi, un de mes étonnements, c'est que vous ayez pu faire une fille si spirituelle que moi.

(.....)

(17) W. Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*. tome 3ème.: Syntaxe. Austria, Stechert E Co, 1923 (reprint), p. 113.

(18) id., ib., p. 114.

Cathos: Il est vrai, mon oncle, qu'une oreille un peu délicate pâtit furieusement à entendre prononcer ces mots-là." 19

A linguagem da "bienséance" proscreeu uma série de tópicos e de vocábulos como inadequados para os "beaux-esprits". Contudo, apesar desse ideal preciosista da conversação galante, as formas de tratamento propriamente ditas não sofreram uma inflação pedante como aconteceu na Itália. Com exceção dos títulos aplicados ao rei — "Sire, Majesté, Votre Majesté, Monseigneur" — os nobres não recebem formas de tratamento específicas, além de *Monsieur*, *Madame* et *Mademoiselle* que continuam a ser o tratamento cortês de todos os tempos. Seria porque a França da Renascença só conheceu uma corte, a corte real? Seria porque o francês é mais orgulhoso e menos servil?

As formas de tratamento são as mesmas básicas de sempre: *tu* (para inferiores e também para íntimos, ou para marcar a emoção) e *vous* entre as pessoas bem nascidas (para iguais).

A assimetria entre o *tu* e a 3.^a pes. (para superiores) é curiosamente ilustrada na fábula de La Fontaine "Le loup et l'agneau":

"Dit cet animal plein de rage:
Tu seras châtié de la temerité.
— Sire, répond l'agneau, que votre majesté
Ne se mette pas en colère;
Mais plutôt qu'elle considère
Que je me vas désaltérant
Dans le courant,
Plus de vingt pas au-dessus d'elle;" 20

Muitas vezes, La Fontaine apostrofou os poderosos e particularmente o protótipo do poder ilimitado — o rei Luís XIV — nas suas fábulas, evidenciando, como nessa fábula, que a humildade e as razões do súdito nada podem contra a arbitrariedade do poder.

A língua francesa marcava a diferença das posições hierárquicas pelo uso assimétrico de *tu* (superior ao inferior) e *vous* (inferior ao superior). No caso de uma autoridade máxima na escala hierárquica — o rei — também se passou a usar a 3.^a p., acompanhada de formas de tratamento como

(19) Molière, o.c., ps. 44-45, 48-49.

(20) *Fables de La Fontaine*. Ed. para Charles Aubertin. Paris, Belin Frères, 1891, p. 90.

Sire e Votre Majesté, como nessa fábula de La Fontaine. Esse uso, porém, durou enquanto durou a monarquia na França.

Quanto ao pronome *tu*, a Revolução Francesa triunfante, quis fazer dele uma bandeira dos seus ideais igualitários. Brunot informa que o “Comité du Salut Public” adotou o “tutoyement” como símbolo da igualdade entre os cidadãos (brumário do ano II)²¹. Entretanto, o decreto oficial não conseguiu mudar os costumes arraigados na sociedade, pois não se muda o comportamento dos indivíduos por meio de um decreto oficial. *Vous* e *tu* continuaram lado a lado. Se a pesquisa de Brown e Gilman revelou que o *tu* está-se expandido à custa do *vous* porque a solidariedade entre os homens está relegando ao arcaísmo as relações de poder dominantes anteriormente, talvez o *vous* um dia venha a ser uma antigüidade de museu como o *thou* inglês.

Apesar do vendaval da revolução, as populações continuavam a ser as mesmas, imbuídas dos mesmos costumes de sempre. Na França daqueles tempos não se incorporaram elementos alienígenas em número bastante elevado, para alterar o sistema anterior, muito embora as idéias revolucionárias tenham contestado o sistema. Se considerarmos o sistema dual dos pronomes de tratamento em francês ao longo da sua história, o que mais impressiona é a permanência inalterável desse sistema desde os longínquos tempos dos romanos até os dias de hoje! Mais de 2.000 anos de existência do mesmo sistema:

latim — tu, vos

francês — tu, vous

Tal sistema seria um “primitivo” universal? Inversamente, como explicar o sistema único do inglês com *you*?

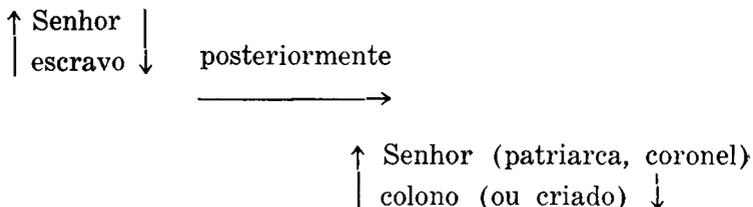
5. A estrutura social e os padrões de comportamento trazidos para a América Latina foram basicamente os mesmos existentes na Península Ibérica ao tempo da colonização. Naquelas sociedades européias o poder era uma coordenada básica das relações entre os cidadãos. Assim ele também figurará como uma força polarizadora na organização das relações. No Novo Mundo, porém, a forma de dominação que se estabeleceu

(21) Ferdinand Brunot — *La Pensée et la langue*. 3^{ème} éd. revue. Paris, Masson, 1953, p. 272.

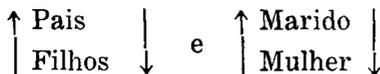
foi ainda mais extremada: a escravidão de fato, ou de direito. Talvez porque os colonos potrugueses e espanhóis que imigraram, fossem indivíduos da classe média inferior, da classe baixa e muitos deles marginais indesejados nas suas pátrias de origem; talvez por isso as relações de poder aqui tenham sido mais extremas. Uma vez que um indivíduo nunca teve poder, quando o tem é mais arbitrário do que quem sempre o teve. Por outro lado, a população dominada e escravizada eram povos alienígenas para o colono europeu: o índio e o negro africano.

Dominando outros indivíduos, o imigrante europeu pobre repetiu o esquema que sofrera. Donde se estabeleceram relações assimétricas na sociedade colonial latino-americana. Algumas dessas díades foram:

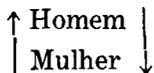
1. Relações de trabalho:



2. Relações familiares:



3. Relações entre os sexos:



Provindo a maioria desses colonos europeus das zonas rurais da Ibéria, eles trouxeram consigo as velhas formas medievais de relação, fundando a família patriarcal, ainda hoje típica do mundo latino-americano. J. Roberto Moreira²²

(22) *Educação e desenvolvimento do Brasil*. Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Rio, 1960, n.º 12, ps. 129-149.

traça o retrato da família patriarcal brasileira, retrato esse que se pode generalizar para a América Latina: *a mãe*:

“Casando-se cedo, às vezes já aos doze anos de idade, a senhora se via confinada, isolada e sem capacidade de governo doméstico. As escravas tudo faziam para ela e por ela.

A figura da mulher branca, pálida e fraca, é uma constante da literatura brasileira dos séculos XVIII e XIX. Fraca e tímida, ignorante e submissa ao marido. Servida por escravas, quase não tinha outro papel social do que o da procriação.” (.....)

o filho:

“Se conseguia chegar aos 5 anos de idade, o menino se via sôlto na propriedade rural, em completo lazer, sem escola e sem obrigações. Transformava-se, então, num verdadeiro menino-diabo, com jogos e brincadeiras sadistas. “Pelos nossos matos — dizia um padre católico de então — é lastimosa a educação dos meninos.”

E tão logo chegavam à puberdade, uma completa liberdade sexual lhes era assegurada com as negras, as crioulas das fazendas, liberdade essa que, às vezes, associava, à atividade sexual, práticas sadistas.

Selvagem e mau, o mocinho das fazendas só devia uma obediência: ao pai. Este, quando a idade própria chegava, lhe escolhia, aprazava e realizava o casamento. Também êle, o pai, decidia se era ou não conveniente mandá-lo para um colégio, fazê-lo padre ou bacharel.” (.....)

a filha:

“Quanto às mocinhas, tão logo atingiam os 12 anos ou 13 anos, começavam com a mãe e as mucamas, a preparar o enxoval do casamento. (.....) Ela, a mocinha, como a mãe, vivia reclusa na casa grande, preservada a sua inocência e virgindade para o casamento. Casar e criar filhos era o seu destino.” (.....)

o pai:

“Mas, por tôda parte, a figurà dominante do “pater-familias” como autoridade suprema do clan familiar era um fato. E nesse clan uma verdadeira estratificação social se operava: um núcleo central de classe superior, os agregados, feitores, afilhados e filhos bastardos (geralmente mestiços) do patriarca, como classe média e os escravos como classe inferior.”²³

(23) Esse esquema enraizou-se tão solidamente que hoje, nos meados do século XX, ainda se encontram resíduos dêle. Passei minha infância e juventude no final dos anos 30 e na década de 40, vivendo numa casa grande do Vale do Paraíba num ambiente que era basicamente esse descrito por Roberto Moreira. E apesar de ser o Vale do Paraíba, era o estado de S. Paulo e não outras regiões do Brasil!

Outro dado curioso sobre as relações humanas entre as diádes apontadas acima: o juízo formulado por um espanhol dos séculos XVII-XVIII sobre os seus contemporâneos. Tal esquema vale para as sociedades arcaicas da América Latina, ainda hoje, em várias regiões:

“no matrimônio o marido é tirano
 a mulher é escrava
 o criado é servo” ²⁴

A estrutura de poder existente na América Latina fez com que perdurassem nessas sociedades formas de tratamento dependentes das relações assimétricas, assunto que trataremos na próxima unidade.

B. Estudo diacrônico

1. Formas de tratamento no mundo de fala espanhola. Espanha:

1. Idade Média

	Rei	Nobre	Povo
Rei	vos, tu	vos (2)	vos
Nobre	vos	vos	vos (3)
Povo	tu	tu	tu (?)

- (2) acompanhado de vocativos como: señor
- (3) acompanhado de vocativo como: señor, mi señor, señora, mi señora, señora buena, etc.
- (?) não encontrei documentação suficiente sobre as relações entre as pessoas do povo, porque os autores geralmente fazem falar a classe aristocrática.

(24) Fray Benito Jeronimo Feijóo, *Teatro Crítico Universal* in *Antología General*, Del Río, II, 1960, p. 10.

2. Século XVI

	Rei	Nobre	Povo
Rei	tu	vuestra Majestad, señor 3. ^a p.)	Vuestra Majestad, tu, real Alteza (3. ^a p.) (2)
Nobre	vos, tu	tu, vos (2. ^a p.) (1) vuestra merced (3. ^a p.)	vos
Povo	tu	tu	tu

A)

1) Há que distinguir aqui algumas relações assimétricas:

↓	Pai	↑	vos, vosotros (2. ^a p.), vuesa merced, señor, mi señor, etc. (3. ^a p.)
	Filho		

↓	Marido	↑	→ tu, vos, señora, mi señora (dama) → tu, vosotros, vuestra merced (3. ^a p.), señor y marido
	Mulher		

↓	Tio	↑	→ tu → vos, señor, señor tío (3. ^a p.)
	Sobrinho		

2) Essas formas de tratamento são geralmente acompanhadas dos vocativos: señor, rey y supremo señor, gran señor (3.^a pes.).

Observações:

1. *vos* é singular, ou forma plural de endereçamento a uma audiência de mais de um, em todos os níveis.
2. *tu* pode marcar a superioridade (do homem sobre a mulher, p.ex.), ou movimentos emotivos: o desprezo, p.ex.

3. numa *Colección de Autos, Farsas y Coloquios del siglo XVI* (ed. Léo Rouanet, Madrid, Librería Murillo, 1901), encontra-se um tumulto de formas de tratamento, nem sempre respeitando o esquema básico da relação assimétrica de poder. Atribuo isso ao fato de os seus autores serem anônimos, provavelmente gente do povo que não usava de um sistema sempre coerente.

3. Século XVII e XVIII

	Rei		Nobre, Classe alta		Povo	
Rei	tu, V. Majestad (3. ^a p.)		vos, señor, Vues- tra Majestad, Vuestra Alteza (3. ^a p.)		Vuestra Majestad	
Nobre, classe alta	I tu	I vos, v. merced	I tu (1)	I vos, señor, caballero, v. merced, usted	I tu (2)	I usted, vos, v. merced, señor, V. Exc.
Povo	tu, vos (?)		tu, vos (3)		D tu, vos	D vosotros (4)

Comentários a esse quadro:

1. I → Se as relações são íntimas (marido e mulher; relações amorosas; pais e filhos; tios e sobrinhos): *tu* (em cruzamento com a variante da 2.^a p. pl. *os*).
2. Quando se trata de um velho criado, íntimo, como um aio.
3. No ato de sedução de uma mulher do povo, um nobre pode passar a tratá-la por *tu*, como trataria a uma mulher íntima da sua classe.
4. Dirigindo-se a desconhecidos.

No seu artigo muito bem documentado sobre a evolução do tratamento de “vuestra merced” José Pla Cárceres²⁵ coletou uma série de testemunhos sobre o uso de *vos* no século XVI e XVII e a razão porque *usted* substituiu *vos* como forma cortês de tratamento. No começo do século XVII tratar de *vos* um fidalgo corresponderia a uma ofensa. Vamos transcrever apenas duas testemunhas da época. No *Galateo español* (1593), o mais famoso tratado de costumes do século XVII por Lucas Gracián Dantisco se lê:

“Porque la fuerza del uso es grandísima y en semejantes casos se debe tener por ley; y así quien *llamase de vos a otro*, no siendo muy más calificado, le menosprecia y hace ultraje en nombrarle, pues se sabe que con semejantes palabras llaman a los peones y trabajadores.”²⁶

Ambrosio de Salazar acrescenta essa informação:

“Sepa que los españoles reciben un bofetón cada vez que los tratan de *vos*, y aunque sea un açacán tiene por punto de honra que nos lo traten bien. (. . . .) Quando se habla o trata a alguno de *vos* lo tiene a afrenta muy grande.”²⁷

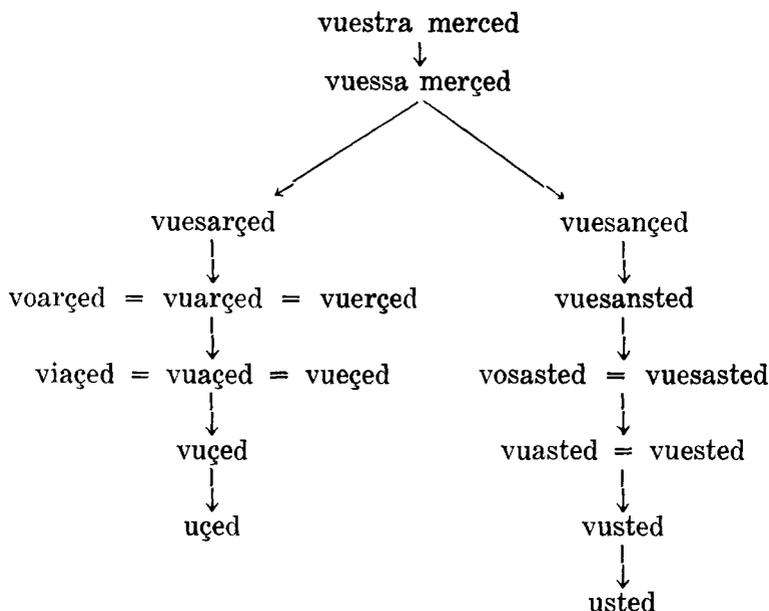
Assim vemos que no século XVII *vos* passa a denotar dois valores: 1) tratamento dado a um inferior, um criado, p. ex.; 2) tratamento dado a amigo íntimo, ou pessoa com que se tem familiaridade. Logo a casa de tratamento de cerimônia e respeito fora deixada vazia no sistema. Daí o preenchimento dessa necessidade por uma forma mais longa “vuestra merced”, que já surgira no século anterior. Tal forma fazia-se acompanhar da 3.^a p. sing., embora muitas vezes seja acompanhada da 2.^a p. pl., nessa época de transição de um padrão a outro modelo, o que sucede ao longo de todo o século XVII. Com “vuestra merced” usava-se o pronome da 3.^a p. sing. como já notamos. É nesse século XVII que o uso frequente de “vuestra merced” ocasionou mudanças fonéticas sucessivas nesse termo, mudanças que resultaram na forma pronominal atual *usted*. A longa cadeia de etapas sucessivas foi seguida por Pla Cárceres no artigo citado. Ele documentou nada menos que as seguintes formas: *vuesañced*, *vuesarçed*,

(25) “La evolución del tratamiento de “vuestra merced”” in *Revista de Filología Española* X, (1923), ps. 245-280.

(26) *Galateo español*. Madrid, Atlas, 1943, p. 57. Quase todo o capítulo XII “Ceremonias por obligación” trata das formas de tratamento na Espanha de então.

(27) apud Pla Cárceres, *ib.*, p. 247.

vuarçed, voarçed, vuerçed, vuaçed, vueçed, vuasasted, vuasted, vuested, vassuncê, vosancê, voaçed, voazé, boacé, vuazé, voarzé, vuezé! Propõe ele o seguinte quadro sinótico para a evolução de “vuestra merced”²⁸:



O uso indiferenciado de *vos* numa sociedade tipicamente estruturada em classes, máxime com uma nobreza no topo, ocasionou o desgaste do valor social dessa forma de tratamento, com a conseqüente necessidade de criar uma nova forma que correspondesse aos brios aristocráticos da classe superior.

Por outro lado, os fatos referidos explicam o largo uso de *vos*, disseminado pela América Latina, fenômeno que se costuma chamar de “voseo”. Por certo, a América Latina foi colonizada pela classe baixa da Península Ibérica nos tempos da colônia. Esses colonos rústicos trouxeram provavelmente o seu sistema tripartido: {*tu — vos — vuestra merced* > *usted*}.

(28) *Ib.*, p. 280. Pla Cárceres compulsou a obra de 42 autores e gramáticos dos séculos XVI e XVII para formular tal hipótese.

Em algumas regiões o sistema era {tu, usted}, como foi o caso do Peru, onde esse é hoje o sistema vigente. Em largas porções da América Espanhola, porém, tem-se hoje um sistema misto {tu-vos, usted} como é o caso da Argentina e até certo ponto do Chile²⁹. Esse sistema misto implica em predomínio do *tu* (Chile), ou do *vos* (Argentina) como forma de tratamento familiar, informal. Isto é, há cruzamentos entre o pronome sujeito dominante (*tu* ou *vos*) e formas verbais ou formas oblíquas de outro pronome. Assim na Argentina: “Tú sabés”, “vos recuerdas”, “¿Vos te acordás de aquel caso, no es cierto?” Frida Weber no seu artigo sobre as formas de tratamento em Buenos Aires³⁰ comenta que o uso de *tu* se deve à pressão da escola, sendo pois, algo de artificial introduzido e alimentado pela escolarização³¹. Eis um traço típico da filosofia educativa na América Latina no que concerne ao ensino da língua nacional. Continuamos todos a pautar-nos por um modelo peninsular ideal que não corresponde, via de regra, à nossa realidade lingüística local. Se o sistema em Madrid é {tu, usted} esse deve ser considerado o padrão “correto” e é ele que deve ser ensinado na escola. A questão pronominal pode suscitar um paralelo perfeito, no que concerne Brasil e Portugal. Parece-me que continuamos a ter mentalidade de colônia, ainda quando se trata de gramática normativa.

A realidade argentina, porém, é o uso de *vos* como pronome informal. “Tutear” aí é tratar de *vos*. Vale a pena transcrever essa passagem de Frida Weber:

“El uso de *vos* se puede considerar general hoy en Buenos Aires. Sean cuales foren los motivos y las circunstancias en que su empleo llegó a las capas superiores, hoy se extiende a todas las clases sociales. Las excepciones son individuales. *Vos* se usa habitualmente entre quienes tienen confianza, entre iguales y de superior a inferior, en este caso con el doble valor de destacadador de distancia o con tono protector, cariñoso. Por ser forma familiar tiene uso corriente entre

(29) “Geografía del voseo” in E. F. Tiscornia, *La lengua de “Martín Fierro”*, BDH, Instituto de Filología, Buenos Aires, 1930, p. 289.

(30) Frida Weber, “Fórmulas de tratamiento en Buenos Aires” in *Revista de Filología Hispánica*, año III, no. 2 (1941), p. 107.

(31) “Como es prácticamente seguro que a principios de siglo (XX) el único pronome familiar usado oralmente por los hablantes nativos de la región fuera *vos*, debemos explicarnos la alternancia con *tú* como una manifestación del conflicto entre el uso coloquial y la norma literaria vigente.” M. B. Fontanella de Weimberg, “Pronombres en el español bonaerense” in *Boletín del Instituto Caro Y Cuervo*. T. XXV. Enero-Abril, 1970, no. 1, ps. 13-14.

quienes se tratan sin formulismo. Así entre los jóvenes parecería haber una tendencia cada vez más sostenida al uso de *vos* en oposición a *usted* en el trato amistoso." ³²

Vinte nove anos após esse estudo de Frida Weber, M. B. Fontanella de Weimberg, observando a evolução do uso de *vos* na região de Buenos Aires, dos começos do século XX aos dias atuais, concluiu que a tendência ao uso exclusivo *vos* se está concretizando em meio às gerações jovens. Para a juventude é hoje a forma universal de tratamento em todos os níveis e entre os dois sexos. O uso de *usted* restringiu-se consideravelmente. Os jovens nem mesmo tratam os pais por *usted* como soía acontecer na sociedade de outros tempos, a não ser nos meios rurais e provincianos.

Por conseguinte, do sistema espanhol inicial {tu, vos} há apenas resíduos. Os sistemas equivalentes hoje são: {tu, usted} na Espanha, Peru, México, Chile, etc. e {vos, usted} na Argentina.

Os dados de freqüência do espanhol peninsular ³³ não revelam oposição substancial entre o uso dos dois pronomes na Espanha dos anos 1920-1940:

	uso	freqüência absoluta	dispersão
tú	389,03	1928	20,17
usted	365,55	1574	23,22

Pena é que não tenhamos dados estatísticos similares para o espanhol argentino para verificar até que ponto as relações de poder e respeito, ou as de solidariedade têm precedência em uma ou outra sociedade. Seja como for, o estudo de Weimberg confirmou a tese de Brown e Gilman sobre a extensão da solidariedade em detrimento das relações de poder para uma secção da sociedade argentina.

2. Formas de tratamento no mundo de fala portuguesa.

(32) Frida Weber, o.c., ps. 106-107.

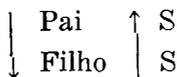
(33) A. Juilland and E. Chang-Rodriguez, *Frequency Dictionary of Spanish Words*. The Hague, Mouton, 1964.

A. Idade Média

	Rei		Nobre		Povo	
Rei	I vós (1)	I tu	vós, senhor		vós, senhor (2)	
Nobre	vós		I, S vós	I, S tu (3)	vós, senhor	
Povo	tu		I tu, vós	I tu	D vós	D tu

Comentários a esse quadro:

- (1) Como superior aqui entende-se a relação:



- (2) Os elementos da plebe que entram em contacto com os soberanos são, geralmente, criados mui chegados, como aios, amas, com os quais se têm relações afetuosas, via de regra. (Refiro-me à documentação que nos chegou às mãos, em geral, obras literárias). Pode-se dizer o mesmo, até certo ponto, com relação a nobres e povo.
- (3) No caso, a mulher. O “status” da mulher na sociedade feudal é paradoxalmente ambíguo. De um lado, ela é um objeto da propriedade do homem, quer na relação {pai-filha}, quer na relação {marido-mulher}. Logo, submissa e inferior, tendo a autoridade do homem que tem total controle sobre o seu comportamento. Atente-se a algumas passagens da *Demanda do Santo Graal* (fins do séc. XIV).

— Conversam uma donzela (princesa) e sua ama, no episódio conhecido como “Tentação de Galaaz”:

“Quando a donzela viu que sua ama o queria dizer a seu padre, foi muito espantada, ca havia mui grã medo, ca era mui bravo e de forte coração.”

(.....)

“Entom lhe disse a dona :

(.....) Certas, se o teu padre souber, todo o mundo nom te poderá valer, que te nom tolhe a cabeça.”³⁴

— A donzela da família converte-se num símbolo da honra ou desonra do homem (patriarca ou esposo) :

“— Ai, donzela! Mal conselhada sodes; metede mentes em vossa fazenda, e catade a alteza do vosso linhagem e de vosso padre, e fazed que nom prendam desonra per vós.”³⁵

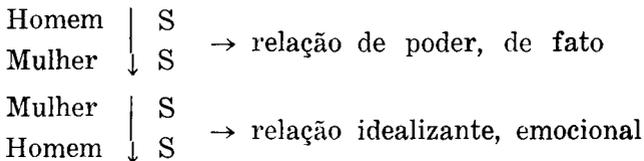
Na relação <marido-mulher> o mesmo esquema se repete. Pode-se constatar o poder do homem sobre a esposa, nesse cantar d’amigo, em que uma mulher casada, enamorada de outro homem se queixa :

“Quisera vosco falar de grado,
ai meu amigu’e meu namorado,
mais non ous’oj’eu con vosc’a falar,
ca hei mui gran medo do irado;
irad’haja Deus que me lhi foi dar.

Nas estrofes seguintes o dístico final insiste nesse sentimento de temor do marido, por causa dos amores clandestinos da esposa — trata-se de uma espécie de refrão com ligeiras variantes estilísticas :

“ca hei mui gran medo do mal-bravo;
mal-brav’haja Deus quen me lhi foi dar,” etc.³⁶

Por um mecanismo de sublimação, porém, a mulher transforma-se num ser superior, objeto de culto na literatura trovadoresca. Aliás, esse esquema não é exclusivamente literário. Nas sociedades arcaicas da América Latina, ainda se observa a mesma dualidade ambígua :



No episódio “A fonte da Virgem” na mesma *Demanda do Santo Graal* o donzel Nabor trata a donzela por *vós* e recebe *tu*³⁷. O inverso já teria conotação totalmente diversa, uma intensa emoção amorosa, ou desprezo. Observe-se, p.ex.,

(34) apud S. Spina, *Presença da Literatura Portuguesa*. Era Medieval, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966, p. 65.

(35) Id., ib., p. 68.

(36) Id., ib., p. 36.

(37) *A Demanda do Santo Graal*. Augusto Magne (ed.). M E S. Instituto Nacional do Livro, 1944, vol. I, p. 402.

a mudança de *vós* para *tu* no diálogo entre Galaaz e a donzela princesa no episódio citado da “Tentação de Galaaz”.

— O Cavaleiro sem mácula, tenta convencer a enamorada princesa de que não devem ter relações amorosas, por causa da honra dela e por causa do seu voto de castidade. (dêle) Tratava-a por *vós* e ela também lhe dava o *vós* como convinha a uma dama da sua condição dirigindo-se a um cavaleiro. No momento em que a princesa se apresta a suicidar-se à vista do cavaleiro esquivo, exclama Galaaz:

“— Ai, boa donzela! Sofre-te um pouco e nom te mates assi, ca eu farei todo teu prazer.”³⁸

O *tu* era, pois, marca dupla: 1) intimidade, afeto, emotividade; 2) inferioridade. O *vós*: 1) marca de não-intimidade, distância; 2) respeito, superioridade.

Num desafio entre dois segréis — Pero da Ponte e Afonso Eanes (séc. XIII), ambos se tratam por *vós*, sendo ambos homens do povo. O *vós* marca aqui o respeito.

2. Século XVI³⁹

	Rei		Nobre		Povo	
Rei	I, S vós	I tu	El-Rei DD., Senhor, Vossa Alteza, Vossa Majestade (3. ^a p.)		Senhor, Vossa Alteza, Vossa Majestade (3. ^a p.)	
Nobre	vós		S vós, senhor, V. mercê	S, E, I tu (1)	vós, senhor, vossa mercê, vossa senhoria (3. ^a p.)	
Povo	tu		I tu	I vós (2)	D vós, V. mercê	D tu

(1) Entende-se aqui por inferior (S) a relação {mais moço-mais velho}, como entre filho e pai.

(38) S. Spina, o.c.o., p. 69.

(39) Na correspondência dos soberanos com o papa pode dar-se essa circunstância em que o rei se dirige a alguém que lhe é superior. Como no caso específico do rei D. João III, que usa a 3a. pl. para o papa.

tu $\left\{ \begin{array}{l} \text{Pai} \\ \text{Filho} \end{array} \right. \uparrow$ vós, senhor

- (2) Um nobre trataria um inferior, um criado, p.ex., por *tu*, mas um inferior com quem não tem trato familiar por *vós*, se é bem educado e quer marcar a distância entre ambos.

3. Séculos XVII e XVIII

	Rei	Nobre, classe alta		Povo, classe baixa	
Rei	I, S vós tu	vós, Senhor, Vossa Alteza, Sua Majestade (3. ^a p.)		Senhor, Vossa Alteza, Vossa Majestade (3. ^a p.)	
Nobre, classe alta	vós	S, D (1) Senhor, Vossa Mercê	S, I tu, vós, você (2)	vós, Senhor, Senhor D., Vossa Mercê, Vossa Senhoria, a menina, etc.	
Povo, classe baixa	tu	S tu, vós, você	D vós	S, D sô mestre, sô amigo, vós, você	I, S tu, vós, você

- (1) *D* significa: desconhecido ou pessoa conhecida mas com quem não se tem intimidade.
- (2) *Você* como tratamento intermediário entre *tu* e *Vossa Mercê* apareceu provavelmente no século XVIII. Não encontrei documentação anterior. Como coexiste no século XVIII com *Vossa Mercê* e com valor ligeiramente diferente, não sei se teria derivado da evolução de *Vossa Mercê* como pretendem alguns etimologistas como José Pedro Machado. Quando se considera as inúmeras variantes de *Vossa Mercê* levantadas por Plá Cárceres na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII, outra hipótese pode ser aventada. O tratamento de *Vossa Mercê* deve ser importado da Espanha. Ora, no final do século XVI e primeira metade do século XVII, Portugal

estava sob o domínio espanhol. Além disso, as relações entre as sociedades portuguesa e espanhola sempre foram muito intensas e estreitas desde os tempos medievais. Compare-se agora variantes espanholas como: *voaçed, vueged, vassuncê, vuaçed, voazé, vuazé, vuezé*, todas registradas por Cárceres. Note-se quão vizinhas se encontram foneticamente de *você*. *Vassuncê* do repertório de Cárceres também se encontra nos meios rurais portugueses e brasileiros, a par com *Vosmecê* e *ocê*. Essa última hoje freqüente na fala urbana brasileira de vários níveis. Talvez *você* simplesmente represente uma daquelas variantes que corriam na Espanha senão em toda a Península Ibérica. Na seqüência das etapas sucessivas o *usted* espanhol ficou como forma de respeito, substituindo *vós*. E *você*, ou substituiu a forma familiar *tu* (Brasil), ou ficou como intermediário entre a intimidade (*tu*) e o formalismo (*o senhor, V. Excia.*) (Portugal).

4. Século XIX (Portugal e Brasil)

	Rei, Imperador		Nobre, classe alta			Povo, classe baixa
Rei, Imperador	S, I se- nhor, meu pai	S, I tu	Vossa Alteza, Vossa Majestade, Senhor			Vossa Al- teza, Vossa Majestade, Senhor
Nobre, classe alta	I se- nhor (3. ^a p.)	I meu amigo, o mar- quês, você (3. ^a p.)	S, D Se- nhor (1) V. Excia.	Ig, D você (2)	Ig, I tu, (3) você	Senhor, V. Senhoria, Sinhô, Sinhá, etc.
Povo, classe baixa	tu		tu, você			tu, você

(1) Algumas dessas formas de tratamento eram exclusivas da linguagem escrita como: Exmo. Sr. Dr., Exmo. Sr. (?), na pena de um Machado, p.ex. (Cf. Epistolário). Pelo menos, não há continuidade de uso dessas formas na linguagem oral no Brasil do século XX, embora elas circulem no Portugal contemporâneo, ainda que circunscritamente.

(2) Até meados do século XIX *você* circunscreve-se ao trato do superior ao inferior, a saber: 1) critério de idade (pais a filhos, tios a sobrinhos); 2) de posição (magistrado a cidadãos comuns, professor a aluno); 3) iguais não íntimos, ou de relação assimétrica (homem e mulher, quando primos). Assim o atestam escritos de Machado de Assis, Manoel Antônio de Almeida, Martins Pena.

(3) No Brasil ocorreu a substituição do *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, fato que se deve ter processado na virada do século XIX para o XX. A correspondência de Machado dá testemunho desse fenômeno social e lingüístico⁴⁰. Até os anos 70 Machado usava *tu* com os íntimos, de modo geral. No final do século XIX e começo do XX serve-se quase exclusivamente de *você*. O fato mais significativo a esse respeito encontra-se na sua correspondência com seu amigo Salvador de Mendonça. Machado tratava-o por *tu* até 1901; passa então a usar *você*, apesar de conservar possessivos da 2.^a pessoa. Com outros amigos íntimos como J. Nabuco e José Veríssimo, porém, o trato comum sempre foi *você*. Suspeito que o *tu* trocado anteriormente com Salvador Mendonça, se relacione com a origem desse amigo (português). Um século depois, nesse último quartel do século XX, o tratamento na 2.^a p. está quase extinto no Brasil, apesar de vários vestígios. Um deles: o uso do pronome oblíquo *te* e dos possessivos *teu, tua*, etc. no interior do sistema da 3.^a p. (*você*). Lembre-se que no Rio Grande do Sul o uso de *tu* é corrente mas acompanhado das formas verbais da 3.^a p. Não será por influência dos países vizinhos de fala espanhola como o Uruguai? O uso esporádico de *tu* que se ouve no Rio de Janeiro parece-me artificial, isto é, resultante

(40) Machado de Assis, J. M., *Obra Completa*. Afrânio Coutinho (ed.). Rio de Janeiro, Aguilar, 1962, vol. III.

de uma tendência “esnobe” em certos indivíduos que pretendem “falar carioca”⁴¹.

5. Século XX

A) Portugal

	Íntimo (I)		Não-íntimo (I)		
			V. Excia.		S*(3)
Superior S	H	+ o se- nhor	— o me- nino (1)	+ o senhor	— o menino (1)
	M	a se- nhora	a me- nina	a senhora	a menina (2)
Igual Ig.	tu		Fami- liar você	Distante (D)	
				o se- nhor	o me- nino (1)
Inferior S			a se- nhora	a me- nina (2)	
	tu		você		

(1) “O menino”: o seu uso se relaciona com a idade biológica; até a adolescência, em geral. Usa-se também o

(41) Em algumas personagens de Néelson Rodrigues (*Teatro quase completo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965) aparece isoladamente um que outro *tu* e formas verbais da 2.ª p. do sing. Talvez possam ser atribuídas aos mesmos resíduos que apontamos acima.

Na correspondência de Monteiro Lobato — *A barca do Gleyre* (S. Paulo, Brasiliense, 1959) — também há traços do cruzamento na fala popular da 3.ª p. com pronomes e formas da 2.ª p. (*te, teu, tua*).

nome próprio com o verbo na 3.^a p. como forma de tratamento nessas circunstâncias.

(2) “A menina”: mais extensivo do que o masculino, tanto se refere à idade biológica como ao “status” de jovem não-casada. Pode aplicar-se também à senhora casada, para indicar o respeito de um inferior (criada, p.ex.) por uma jovem senhora. Usa-se também o nome próprio com o verbo na 3.^a p. como forma de tratamento nessas circunstâncias ⁴².

(3) S* = Supra-Superior.

B) Brasil

	Íntimo (I)	Não-Íntimo (I)	
Superior S	H o senhor	o senhor	
	M a senhora (1)	a senhora	
Igual IG	você	o senhor (2) H	você
		a senhora M	
Inferior S	você	você (3)	

(1) O tratamento de *o senhor*, *a senhora* dado a um íntimo (superior), aos pais, p.ex., já não é generalizado no Brasil contemporâneo. Nas áreas urbanas das grandes cidades, em meio à geração jovem, trata-se os pais de você. Assim também se está verificando no Brasil o mesmo que Brown e Gilman observaram para algumas culturas européias como a francesa, a italiana, a alemã e que qualificaram como a extensão da semântica da solidariedade em detrimento da se-

(42) Infelizmente este artigo já estava impresso quando vim a conhecer o excelente trabalho do Prof. L. F. Lindley Cintra: *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, Edições Horizonte, 1972.

mântica do poder. E que Weimberg constatou estar sucedendo em Buenos Aires no presente.

(2) Quando se trata de alguém da mesma classe social e contemporâneo etário o tratamento “o senhor, a senhora” pode alternar com “você”. Geralmente as pessoas de educação mais conservadora e de ambientes mais refinados utilizam o tratamento mais formal e menos familiar. Trata-se pois, de regra flutuante, dependendo dos imponderáveis da personalidade individual.

(3) No caso de um inferior, pessoas que preferem estabelecer distâncias por não apreciarem familiaridade, podem também utilizar *o senhor, a senhora*, ao invés de *você*. Ou então, por se tratar de um empregado mais velho do que o patrão, o chefe (a patroa, o chefe) o tratamento de mais respeito pode ser utilizado.

De uma maneira geral, é digna de nota a simplificação a que se procedeu no Brasil, mas não em Portugal, com relação às formas de tratamento. E a tendência brasileira é para ampliar a área coberta por *você*. Parece-me que a discrepância entre os sistemas português e brasileiro pode ser assim explicada, até certo ponto. A sociedade brasileira pode ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. Além de não receber periodicamente novos fluxos de imigrantes (caso do Brasil) Portugal tem-se mantido quase à margem do mundo moderno. O relativo fechamento das fronteiras às “mãs” influências do exterior, política adotada pelo governo português nesses últimos 35 anos, acarretou para o país insulação, com respeito às idéias e padrões de comportamento, que caracterizam a sociedade internacional do pós-guerra. Assim, a portuguesa é uma sociedade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades européias, mesmo no mundo latino mais conservador, em geral. No Brasil, existem muitos núcleos conservadores e até mesmo fósseis de outras eras porque nesse país várias épocas históricas coexistem

no presente. Entretanto, existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos. Seria interessante avaliar o alcance da influência americana na vida brasileira contemporânea. Não resta dúvida de que somos dos povos que mais avassaladoramente se têm deixado absorver pelo modelo da "grande sociedade" dos Estados Unidos da América. A mera observação dos grandes centros brasileiros confrontados com as metrópoles portuguesas, evidenciará a disparidade que ora mencionamos.

Nos primeiros contactos com a sociedade portuguesa, o brasileiro sofre um forte impacto por causa do formalismo do português e em virtude da variada gama de tratamento entre os indivíduos e as classes sociais. Algumas formas de tratamento como *V. Excia.*, *V. Senhoria*, que, para nós, são esteriótipos amorfos da escrita comercial e burocrática, vivem no trato humano em Portugal. Na fala brasileira aparecem raramente e apenas em situações muito formais como: discursos e defesas de tese em universidades.

No Brasil, de fato, só temos dois pronomes de tratamento: 1) *ocê* (familiar); 2) *o senhor* (formal) que correspondem ao par {tu, vós} ou {T, V} conforme a caracterização de Brown e Gilman. Entre os títulos relativamente freqüentes, temos: *doutor* (quase exclusivo de médicos) e *professor* (ambientes escolares e universitários). O português usa *doutor* e o *sr. doutor* com freqüência e indiscriminadamente. Para determinada classe de pessoas é tratamento obrigatório.

Quanto à escala de pronomes de tratamento em Portugal, é tripartida como se viu no quadro da pág. 352: {tu, você, o senhor}. Os portugueses possuem, por conseguinte, uma graduação intermediária entre a familiaridade e o formalismo, desconhecida no Brasil.

Os dados estatísticos de John Duncan⁴³ para o português peninsular dos anos 1920-1940 fornecem o seguinte balanço:

	uso	freqüência absoluta	dispersão
tu	17,31%	151	11,46%
você	29,33%	183	16,03%
o senhor	157,61%	240	65,67%

(43) *Frequency Dictionary of Portuguese Words*. Stanford, 1970 (não publicado ainda).

Nessa amostra imparcial da linguagem portuguesa contemporânea os números que quantificam o uso, falam por si. A altíssima frequência relativa de *o senhor* constitui um índice do formalismo dessa sociedade. Note-se a baixa porcentagem do pronome da intimidade e da familiaridade: *tu*. Infelizmente, formas como *V. Excia.*, *V.S.* foram eliminadas dos cálculos finais por Duncan. Entretanto, examinando o *corpus* de que ele se serviu na sua análise do português contemporâneo, encontrei essas formas em amostras da linguagem teatral⁴⁴.

Infelizmente os únicos dados quantitativos para o português brasileiro não podem ser confrontados com os valiosos dados de Duncan que foram tratados por padrões rigorosamente estatísticos. O *corpus* do *Graded Work Book of Brazilian Portuguese* (GWBBP)⁴⁵ foi composto segundo critérios discutíveis. Seus autores não procederam ao cálculo de parâmetros importantes como a dispersão e o uso. A título de curiosidade, consideremos algumas formas de tratamento que aí comparecem. O total de palavras que compunham o *corpus* original (GWBBP) sendo de 1.200.000 de texto seguido, poderemos estabelecer algumas regras de 3, para tentar uma comparação grosseira. Teríamos:

	frequência absoluta	porcentagem
tu	2.680	0,22%
você	1.389	0,11%
dr.	742	0,06%

Aparentemente esses dados não coincidem “in totum” com o que foi dito acima. O problema, porém, fica em suspenso até que se tenham dados mais fidedignos para o português brasileiro⁴⁶.

(44) O trabalho de Duncan registra também uso relativamente frequente do possessivo *vosso*, apesar da inexistência de *vós*.

(45) Brown, Carr e Shane, *A Graded Word Book of Brazilian Portuguese*. New York, Crofts 1945.

(46) Essa contagem de que nos servimos (cf. 45.) estranhamente não inclui *o senhor*, *a senhora*. Em compensação registra as mais variadas e curiosas formas como: *mecê*, *mme*. (madame), *nhá*, *nhô*, *sá*, *o seu*, *seu*, *sinhá*, *sinhô*, *vós*, *vosmecê*, *vosso*.

Quanto a *você*, um estudo estatístico do tipo do de Duncan aplicado a uma amostragem brasileira dos anos 40 a 70, seguramente indicaria um alto índice de uso para esse pronome. Deve-se ressaltar também que a forma complemento *te* que contribui com mais da metade das ocorrências de *tu* no GWBBP, deve ser incluída entre as variantes do pronome *você* porque, na verdade, forma sistema com esse pronome.

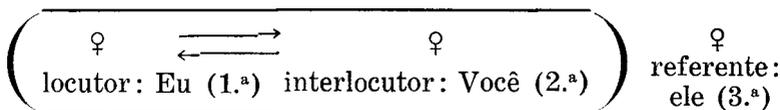
Em 1931, Cláudio Basto afirmava que o uso de *você* em Portugal era de bom tom e estava na moda⁴⁷. Entretanto, “dantes, diz ele, *você* — assim como *vossemecê* — evitava-se com pessoas de cerimônia”. Seja como for, *você* ainda não tem, em Portugal, o uso generalizado que tem no Brasil. E *vossemecê* é dialetal tanto em um, como em outro país. Também se registram outras variantes dialetais como: *vosmecê*, *vosmincê*, *vassuncê*, *vancê*, *mecê*, *ocê*, *cê*. Com exceção de *ocê* e *cê* que correm na fala das grandes áreas urbanas brasileiras, creio que as outras formas estão condenadas ao desaparecimento em virtude dos modernos meios de difusão da “norma culta” pelo território brasileiro.

O *senhor* coexiste com muitas corruptelas e variantes em Portugal (*sinhôr*, *siôr*, *siô*, *sôr*, *sô*, *s'nhor*, *nhor*), como no Brasil (*sinhô*, *siô*, *nhôr*, *nhozinho*, *nhonhô*, *nhô*, *sô*, *seu*). Algumas delas caracterizaram a fala dos negros no Brasil colonial. Antecedendo o nome próprio, ou de família, *seu* é altamente freqüente no Brasil moderno (*Seu Antônio*, *Seu Correia*). As variantes femininas correspondentes já se rarefazem hoje. Meu avô ainda chamava sua esposa respeitosamente de *Sá Tereza*, conforme os padrões da aristocracia rural dos começos do século por ele representada. Nas tabelas do GWBBP contra um total de 57 para *Sá*, tem-se 237 para *Seu*, *O Seu*. Para a mulher a forma respeitosa de tratar é usar *dona* antecedendo o nome: *Dona Maria*. Às vezes tal uso tem um sabor popularesco. *Dom* desapareceu da fala brasileira, sobrevivendo exclusivamente no tratamento dado aos bispos: *Dom Aloísio*.

Se admitirmos que *você* e o *senhor*, no Brasil, preencheram as casas vazias deixadas pelos extintos {*tu*, *vós*} do sistema anterior, aquelas formas devem ser consideradas como legítimas representantes da 2.^a p. — a pessoa com que se fala — coincidindo as formas verbais da 2.^a e da 3.^a pessoas.

(47) “Formas de tratamento, em português” in *Revista Lusitana*, XIX (1931), pp. 183-191.

Logo proporia para a fala brasileira o esquema:



Sistema pronominal

Paradigma verbal	Sujeito	Objeto
1.ª p. falo	1.ª p. eu	1. me, mim, comigo
2.ª p. fala	2.ª p. você	2. te, ti, contigo, lhe, lo, se, si, consigo
3.ª p. fala	3.ª p. ele	3. se, si, consigo

O sistema português já seria mais complexo. Por um lado, em Portugal também se usa de uma forma indireta de tratamento, desconhecida no Brasil. O uso do referente (3.ª p.) como substitutivo respeitoso da 2.ª p. (não só de *you*, o *senhor*, mas também de *tu*). Exs.

“O pai está aborrecido?” (interlocutor: o pai do locutor)

“A mãe quer açúcar?”

“A Luzia não vai sair?”

III. A estrutura social depende das relações estabelecidas entre os indivíduos. Assim, tudo se resume a relações interpessoais.

Consideremos algumas das dimensões fundamentais das relações interpessoais:

1. O contexto primordial é o da família, quer entendida como família nuclear, quer como família estendida.

No caso das sociedades latinas e particularmente nas Américas Hispânica e Portuguesa as relações entre os indivíduos partem do contexto familiar. Como nesses países a estrutura familiar é a da família extensa, numerosíssimas são as formas de tratamento que definem as relações entre os seus membros. Alguns autores estudaram as formas de tratamento entre os membros de uma família no Chile, no Peru e na Argentina⁴⁸. Todos eles organizaram e discutiram

grandes listas estilísticas para “marido e mulher”, pais e filhos”, “filhos e pais”, “irmãos entre si”, “tios e tias”, etc. Um traço comum se evidencia: o grande número de tratamentos afetivos de que essas línguas se servem; esse fato dá testemunho da profundidade das relações entre os membros do clã familiar. No Brasil, se nos dispuséssemos a fazer algo de semelhante, seguramente encontrar-se-ia vasto arsenal estilístico, pois as estruturas da nossa sociedade se assemelham às desses três países em questão. Na América Latina, também se parecem, via de regra, as relações estabelecidas com pessoas do serviço doméstico e com amigos, conhecidos e desconhecidos.

O lugar social dos filhos e da mulher nessas sociedades ainda têm ressaibos da estrutura patriarcal, com o “Pater-familias” (o coronel da Casa Grande no Brasil), presidindo no topo e movendo os cordéis das relações das bases, como já tivemos ocasião de assinalar. Entretanto, em todos quatro países mencionados, tal estrutura de poder sofreu grandes abalos nos tempos atuais. Um estudo sócio-lingüístico acurado de tipo diacrônico, poderia revelar quando e como o sistema começou a mudar. Aparentemente o processo de mudança já se iniciou há muito mais que um século. Talvez no Brasil as mudanças sejam mais recentes que no Chile, Peru e Argentina. O citado artigo de Sologuren revelou uma pista muito curiosa: um texto do final do século XVIII com o curioso título “Carta escrita a la Sociedad de Amantes del País sobre el abuso de que los hijos tuteen a sus padres”⁴⁹:

“La confusión de este alborozado cumplimiento me impidió el parar la atención en las expresiones inocentes de mis hijos. Calmado el primer tumulto de los afectos, oí que todas estas criaturas me trataban de *tú*. Admiréme, y pregunté a Teópiste de donde nacia esta novedad tan opuesta a los principios de crianza, que yo había dejado entablados antes de mi viaje. Respondióme éste fríamente: “Que mis hijos habían estado en casa de Democracia su madre durante mi ausencia; y que allí les habían enseñado lo que es común a todos las clases de ciudadanos.” Creció mi admiración: pregunté a algunos amigos se era positiva esta costumbre en Lima, y tuve el desconsuelo de quedar cerciorado de que la

(48) Luisa Eguiluz, “Fórmulas de tratamiento en el español de Chile”, in *Boletín de Filología*. Tomo XIV, Universidad de Chile, 1962, ps. 169-233. Javier Sologuren, “Fórmulas de tratamiento en el Peru”, in *Nueva Revista de Filología Hispánica*. Año VIII, n.º 3, ps. 241-267.

(49) *Mercurio Peruano*, 16 de enero de 1791, ps. 36 ss., apud Sologuren, ps. 247-8.

mayor parte de las madres, tías y abuelas, no sólo sigue esta baja práctica de hacerse tutear de los hijitos que las rodean, sino también la patrocina y la sostiene... (....) Sirvanse Vms. de preguntar en mi nombre a todas las Madamas que piensan en esto como Democracia: ¿Qué idea tienen del respeto filial, y de la superioridad paterna? Si nuestro idioma tiene los tratamientos confidenciales con separación de los de reverencia, ¿por qué los hemos de confundir? ¡Por qué hemos de acostumbrar a los hijos a que hablen a su madre en el mismo tono que a su esclava, y a que no distingán a su padre de su calesero? Finalmente ¿por qué miran como afecto de amor en los padres una condescendencia que es tan contraria a la subordinación, y aun a la buena política de las gentes?"

Essa longa citação mostra como se imputou à democracia o desmantelamento dos costumes patriarcais. Mais uma vez se constata que a semântica da solidariedade está solapando o edifício do poder que constituía outrora o fundamento das relações sociais.

Resumindo: as pessoas do diálogo compõem hoje os seguintes sistemas de díades pronominais nas sociedades ibero-americanas:

Espanha	→	{tu, usted}
Peru	→	{tu, usted}
Chile	→	{tu, usted}
Argentina	→	{vos, usted}
Brasil	→	{você, o senhor};

só Portugal apresenta um sistema tripartido: {tu, você, o senhor}.

Assim, *vós* desapareceu de todas essas sociedades, conservando-se, enquanto forma, apenas na Argentina, com o valor, porém, de T e não de V (caracterização de Brown e Gilman).

2. Para concluir o quadro das relações interpessoais, falta referir a comunicação com a divindade.

Observam-se fatos curiosos no tocante às formas de tratamento dadas à divindade e aos santos nas culturas cristãs ocidentais. O *Pai Nosso*, oração comunitária muito antiga na cristandade, foi estabelecida na segunda pessoa do singular (T) desde as origens. Assim nas versões canônicas do Novo

Testamento é essa a forma de tratamento, tanto em grego como em latim:

πατερ ημων ο εν τοις ουρανοις.

αγιασθητω το ονομα σου

Pater noster qui es in caelis;

Sanctificetur nomen tuum. (Versão da Vulgata, 383. D.C.).

Nas línguas neo-latinas tivemos traduções discordantes. Enquanto o francês e o português preferiram a forma respeitosa (V), o espanhol e o italiano preferiram a de intimidade (T). Quanto ao inglês, desde as mais remotas versões (dialeto anglo-saxão de 900 D.C., aproximadamente) era a forma T (= Thou) a que imperou. É verdade que só depois da conquista normanda, os saxões adotaram uma forma mais respeitosa (*ye = you*), copiada do francês⁵⁰. Forma essa que fez sistema dual com *thou* nos tempos medievais mas que acabou suplantando-o definitivamente na Renascença, permanecendo *you* como único pronome de tratamento em inglês. Contudo, a linguagem eclesiástica seguiu usando *thou* para a divindade, traço arcaizante das versões bíblicas anteriores a 1923 e 1927, datas das primeiras impressões em linguagem moderna. Aliás, a igreja tem sido uma força conservadora a manter os hábitos lingüísticos do passado. Maxime a Igreja de Roma (católica) e a Igreja da Inglaterra. Na Igreja Romana e rígida estrutura de poder hierárquico funciona como força de inércia para manter inalteráveis os costumes de outros tempos. As confissões protestantes romperam com esse círculo fechado de coisas e assim é que, na França, p.ex., adotaram o *tu* para dirigir-se à divindade, já no séc. XVI, contrastando assim como o *vous* canônico da Igreja Católica. Os cânticos religiosos dos huguenotes no século XVI utilizaram a 2.^a p. sing. (T)⁵¹. Os meados do século XX assistiram pela primeira vez a um dramático abalo na tradição católica romana, a partir do Concílio Vaticano II. Como conseqüência, as conferências nacionais de bispos começaram a reformular totalmente as liturgias de outrora. Assim é que em 1965 o episcopado francês decidiu que o pronome de tratamento a ser usado nas preces comunitárias devia ser o *tu* e não o *vous*.

(50) Stidston, *The Use of Ye...*, Stanford U., 1917, ps. 2-8.

(51) Henri-Léonard Bordier — *Le Chansonnier Huguenot du XVI.^e Siècle*. Slatkine Reprints, Genève, 1969. (Réimpression de l'édition de Paris et Lyon, 1870-1871).

Num artigo intitulado "Tutoyer Dieu" de uma revista católica da época, encontramos a seguinte argumentação para justificar tal mudança de atitude:

"Le principal argument en faveur de ce parti, c'est qu'il assure la continuité des formules proprement liturgiques avec les textes bibliques, notamment les psaumes. Depuis nombre d'années déjà, les Bibles françaises emploient le tutoiement envers Dieu, le Christ, les saints, conformément à l'usage de toutes les langues anciennes. Si les oraisons ou les chants de la messe appartiennent à d'autres genres littéraires, ils n'en sont pas moins étroitement inspirés de la Bible, et il n'y a pas de raison impérieuse pour y employer un langage différent.

Il ne s'agit que d'une coutume, qu'il serait vain de fonder sur de hautes considérations théologiques. Aussi les répugnances que l'on peut éprouver à interpellier Dieu de cette manière ne viennent-elles que de nos habitudes.

On ne peut dire que le vouvoiement est plus respectueux, tandis que le tutoiement serait une marque de familiarité, sinon de vulgarité!"⁵²

Hoje a catolicidade romana está absorvendo alguns dos conceitos protestantes já estabelecidos no século XVI. Hoje se faz a apologia de relações mais humanas e diretas com Jesus Cristo, da forma como se trata um membro íntimo da família, rejeitando assim a hierárquica distância consagrada pela Igreja de Roma no passado. Essa atitude tem-se difundido em todas as latitudes onde se vivem as práticas católicas.

No português brasileiro registra-se uma verdadeira miscelânea entre os arraigados hábitos do passado e os novos conceitos do presente. As mais recentes versões da bíblia impressas no Brasil misturam a 2.^a p. sing. e a 2.^a p. pl. (a tradicional), embora nenhuma tenha ido tão longe a ponto de usar o *você*, único pronome real da intimidade no Brasil! Os salmos que constituem o mais rico manancial de preces da Igreja geralmente estão vertidos na 2.^a p. sing. (T), embora alguns haja que tratam Deus por *vós*. As preces estereotipadas ainda continuam a ser ditas na 2.^a p. pl. (V) como o *Pai Nosso*. As longas liturgias das grandes festas como Páscoa e Natal oferecem uma amostra complexa desse conflito entre o arcaico e o novo, entre a tradição consagrada e o gosto pelas novas formas, mais espontâneas e naturais, condizentes

(52) *La Vie Spirituelle*. CXII, Janvier 1965, n.º 512, p. 181.

com uma prática religiosa mais vivida do que adotada como arquétipo social. Na década de 60 muitos libretos foram publicados no Brasil contendo sugestões para celebrações litúrgicas e paralitúrgicas. Num deles⁵³ podemos respigar um bom exemplário do conflito entre a tradição fixa e a língua viva. Encontram-se aí misturadas as duas formas de tratamento de 2.^a p. (*tu e vós*) e de 3.^a p. (*ocê*). A divindade e os santos (a Virgem Maria) são tratados ora por *tu*, ora por *vós*, ora por *ocê*. O *vós* e o *tu* representam versões canônicas das preces e leituras bíblicas; o *ocê* figura nas livres criações paralitúrgicas. De fato, *ocê* é o único pronome aceitável para quem pretende dar verossimilhança aos fatos descritos nos evangelhos quando os revivem em representações paralitúrgicas nos tempos atuais.

Em suma: um imenso e pesado corpo como o da Igreja Católica Romana move-se com lentos e difíceis movimentos para a frente. A lentidão das mudanças nessa comunidade religiosa universal acarreta formas de comportamento conflitantes. No Brasil, o paradoxo testemunha pelo sepultamento definitivo do pronome *vós* para brevemente, pois a Igreja ainda era a última trincheira em que o *vós* disputava ao *ocê* e ao *tu*, o seu lugar ao sol.

Nas práticas católicas argentinas registrei incongruências parecidas com essas que se vêem no Brasil. As preces bíblicas (os salmos, p.ex.) mantêm o *tu* da tradição canônica espanhola da bíblia. Quanto ao cânon da missa, o *tu*, dado ao sacerdote, contrasta com o *usted* dirigido à assembléia dos fiéis:

"Sacerdote: El Señor esté con ustedes.

Todos: Y con tu espíritu.

Sacerdote: Escucha, Señor, esta oración de tu pueblo que se alegra profundamente, mientras celebra la venida de tu Hijo único, que es la luz de las naciones."⁵⁴

Claro está que a hierarquia eclesiástica argentina (católica) ainda não se decidiu a adotar o pronome *vos* da intimidade, por lhes parecer talvez desrespeitoso.

(53) Frei Sílvio de Meneses Pôrto e Anita Dulci — *Os ramos solidários com o tronco*. (Subsídios paralitúrgicos para a Semana Santa). Petrópolis, Vozes, 1968.

(54) Juan José Rossi — *Cambia la Iglesia?* Buenos Aires, 1965, p. 106.

Parece que as religiões sentem a necessidade de manter uma linguagem sagrada própria. Linguagem essa que constitui um sinal de contradição inerente a um divino que se quer inserir no humano. De um lado a Igreja Católica quer ter um pé na terra, dialogar com os homens usando da sua linguagem; e de outro, ela quer participar de uma eternidade atemporal. Daí o conflito — a língua vivendo no tempo, evolui e se altera com o volver dos séculos e com o passar das gerações. As formas de tratamento mudam porque as sociedades mudam. A comunidade eclesial, porém, tenta o difícil equilíbrio de viver dentro e fora do tempo. Cremos que os poucos dados que recolhemos sobre a utilização litúrgica de algumas línguas, corroboram a tese de Brown e Gilman de que a solidariedade das relações humanas está alterando as relações de poder do passado, até mesmo na cidadela, outrora inexpugnável, da Igreja Católica Romana.

BIBLIOGRAFIA

- (1) ALORNA, Marquesa de. *Inéditos. Cartas e outros escritos*. Seleção, prefácio e notas de Hernani Cidade. Lisboa, Sá da Costa, 1941.
- (2) ALTMAN, G. and Riska, A. 'Towards a Typology of Courtesy in Language' in *Anthropological Linguistics*. ps. 1-10.
- (3) ALVES, Henrique L. *Sua Excelencia o Samba*. S. Paulo, Palma, 1968.
- (4) ARONA, Juan de. *Diccionario de Peruanismos*. Lima, Libreria Francesa Científica J. Galland, 1882.
- (5) BASTO, Cláudio. 'Formas de tratamento em Português' in *Revista Lusitana*., XIX (1931), ps. 183-191.
- (6) BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana*. Paris, Roger y Cernoviz, 1908.
- (7) *The Book of the Courtier* by Count Baldesar Castiglione (1528). Translated from the Italian by' Leonard Eckstein Opdycke. New York, Charles Scribner's Sons, 1903.
- (8) BORDIER, Henri-Leonard. *Le chansonnier huguenot du XVI.^e siècle*. Slatkine Reprints, Genève, 1969 (Réimpression de l'édition de Paris et Lyon, 1870-1871).
- (9) BOURDICHON, Jean. *Les heures d'Anne de Bretagne*. Bibliothèque Nationale (Manuscrit latin 9474). Editions Verve, Paris, 1946.

- (10) BRANDÃO, Frei António. *Crónica de D. Afonso Henriques*. Porto, Civilização, 1945.
- (11) BROWN, Carr and Shane. *A Graded Word Book of Brazilian Portuguese*. New York, Crofts, 1945.
- (12) BROWN, Roger and Gilman, Albert. "The Pronouns of Power and Solidarity" in *Style in Language*, ed. por T. A. Sebeok, Press of M.I.T., 1960, ps. 253-276.
- (13) BRUNOT, Ferdinand. *La pensée et la langue*. 3ème. ed. revue. Paris, Masson, 1953.
- (14) BUCHLER, Ira R. "The Analysis of Pronominal Systems: Nahuatl and Spanish" *Anthropological Linguistics*. Vol. 9. n.º 5, May 1967, ps. 37-43.
- (15) BUCHLER, Ira R. and Freeze, R. "The Distinctive Features of Pronominal Systems" in *Anthropological Linguistics*. Vol. 8. n.º 8, Nov. 1966, ps. 78-105.
- (16) CEGALLA, D.P. *Novíssima antologia da língua portuguesa*. I. Ozon Editor, Rio,s/d.
- (17) CEJADOR y Frauca, J. — *Vocabulario Medieval Castellano*. Madrid, Librería y Casa Editorial Hernando, 1929.
- (18) CIOGLIA, Leão e Parisse, Luciano. *Foi posta a mesa*. Petrópolis, Vozes, 1966.
- (19) COELHO, Joaquim Guilherme Gomes. *Obras de Julio Dinis*. II. Porto, Lelo Irmãos, s/d.
- (20) *Colección de Autos, Farsas y Coloquios del siglo XVI*. Ed. de Léo Rouanet. Madrid, Librería Murillo, 1901.
- (21) DEL RÍO, Angel y Del Río, Amelia A. *Antología general de la literatura española*. I e II. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1960, 2.ª ed.
- (22) *A Demanda do Santo Graal*. Ed. por Augusto Magne. M E S. Instituto Nacional do Livro, 1944, vol. I.
- (23) DUNCAN, John. *Frequency Dictionary of Portuguese Words*. Stanford, 1970 (não publicado ainda).
- (24) EGUILUZ, Luiza. 'Fórmulas de tratamiento en el español de Chile' in *Boletín de Filología*. Tomo XIV, Universidad de Chile, 1962, ps. 169-233.
- (25) *Fables de La Fontaine*. Ed. por Charles Aubertin, Paris, Belim Freres, 1891.
- (26) FENWICK, *Vogue's Book of Etiquette*. New York, Simon and Schuster Inc, 1948.

- (27) FERRERO, Giuseppe Guido. *Lettere del Cinquecento*. Torino, Unione Tipografica-Editrice Torinese, 2.^a ed., 1967.
- (28) FREIRE, Maria da Graça. *As noites de Salomão Fortunato*. Lisboa, Contemporânea Portugália Editora, 1964.
- (29) GRACIÁN Dantisco, Lucas. *Galateo español*. Madrid, Atlas, 1943.
- (30) HJELMSLEV, Louis. 'La nature du pronom' (1937) in *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*. Vo. XII. *Essais linguistiques*. Naturmetodens Sproginstitut. Nordisk Sprog-og Kulturforlag. Copenhague, 1959, ps. 192-198.
- (31) HUGON, Paul D. *Pater Hemon*. (Our Father). 63 Versions of the Lord's Prayer. Los Angeles, L. R. Ervin, 1936.
- (32) HUGUET, Edmont. *Dictionnaire de la langue française du seizième siècle*. Paris, Didier, 1946.
- (33) JAIN, Dhanesh K. 'Verbalization of Respect in Hindi' in *Anthropological Linguistics*. Vol. II. n.º 3, March 1969, ps. 79-97
- (34) JOHNSTON, Oliver M. 'Ella, lei and la as Polite Forms of Address' in *Modern Philology*. Vol. one, 1903-1904. Chicago, The University of Chicago Press, ps. 469-475.
- (35) JUILLAND, A. and Chang-Rodriguez, E. *Frequency Dictionary of Spanish Words*. The Hague, Mouton, 1964.
- (36) KANY, C. E. *American-Spanish Syntax*. 2nd. Edition. The University of Chicago Press, 1951.
- (37) *Letters of John III, King of Portugal (1521-1557)*. Ed. by J. D. M. Ford Cambridge, Massachusetts, Harvard J. Press, 1931.
- (38) *Il Libro del Cortegiano*. del Conte Baltasar Castiglione. Ed. por Vittorio Cian, Firenze, Sansoni, 1947.
- (39) LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia*. Ed. de Afonso Lopes Vieira. Lisboa, Sá da Costa, 1959.
- (40) MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Ed. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.
- (41) MACHADO DE ASSIS, J. M. *Theatro*. W. M. Jacksom Inc., Rio de Janeiro, S. Paulo, P. Alegre, 1944.
- (42) MEYER-LUBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Tome 3ème.: Syntaxe. Austria, Stechert & Co., 1923 (reprint).
- (43) MIGUÉIS, J. Rodrigues. *A escola do paraíso*. Lisboa, Estudos Cor, 1961.

- (44) MOLINER, Maria. *Diccionario de uso del español*. Madrid, Gredos, 1967.
- (45) MONGRÉDIER, Georges. *La vie littéraire au XVII.^e siècle*. Paris, Tallandier, 1947.
- (46) MONTEIRO LOBATO, J. B. *A barca do Gleyre*. S. Paulo, Brasiliense, 1959.
- (47) MOREIRA, J. Roberto. *Educação e desenvolvimento*. Centro-Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Rio, 1960, n.º 12.
- (48) MURRIET, Pedro M. *El lenguaje peruano*. Tomo I. Lima, 1936.
- (49) NÓBREGA, Manuel da. *Curtas do Brasil*. (1549-1560). Publicações da Academia Brasileira. Rio de Janeiro, Oficina Industrial Graphica, 1931.
- (50) *No tempo dos bandeirantes*. Vol. XXIV da coleção 'Departamento de Cultura'. S. Paulo, 1939.
- (51) PLA CÁRCERES, José. 'La evolución del tratamiento de vuestra merced' in *Revista de Filología Española*, X (1923), ps. 245-280.
- (52) PORTAL, Ismael. *Del pasado limeño*. Lima, Librería e Imprenta Gil, 1932.
- (53) PORTO, Frei Silvio de Meneses e Dulci, Anita. *Os ramos solidários com o tronco*. (Subsídios paralitúrgicos para a Semana Santa). Petrópolis, Vozes, 1968.
- (54) RANGEL, Alberto. *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*. S. Paulo, Francisco Alves, 1916.
- (55) RODRIGUES, Nelson. *Teatro quase completo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965.
- (56) ROGUET, A.-M. 'Tutoyer Dieu' in *La vie spirituelle*. CVII, Janvier, 1965, n.º 512, ps. 181-184.
- (57) ROSSI, Juan Jose. *¿Cambia la Iglesia?* Buenos Aires, 1965.
- (58) RUBIN, Joan. 'Bilingualism in Paraguay' in *Anthropological Linguistics*. Vol. 4. n. 1, January 1962, ps. 52-58.
- (59) SILVA, António José da. *Obra completas*. Lisboa, Sá da Costa, 1957.
- (60) SOLOGUREN, Javier. 'Fórmulas de tratamiento' en el Peru' in *Nueva Revista de Filología Hispánica*. Ano VIII, n.º 3, ps. 241-267.

- (61) SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa. Era Medieval*. S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
- (62) STIDSTON, R. O. *The Use of Ye in the Function of Thou in Middle English Literature from Ms. Auchinleck to Ms. Vernon (A Study of Grammar and Socioal Intercourse in Fourteenth-Century England)*. Stanford University, 1917.
- (63) *Théâtre choisi de Molière*. Par E. Thirion. Paris, Hachette, 1899.
- (63) TISCORNIA, E. F. *La Lengua de 'Martin Fierro'*. B D H, Instituto de Filología, Buenos Aires, 1930.
- (64) *Vocabulario degli Accademici della Crusca*. 5.^a impressione. Firenze, Galileiana di M. Cellini, 1886.
- (65) WEBER, Frida. 'Fórmulas de tratamiento en Buenos Aires' in *Revista de Filología Hispánica*. Ano III, n.º 2, (1941), ps. 105-139.
- (66) WEIMBERG, M. B. Fontanella de. 'Pronombres en el español bonaerense' in *Boletín del Instituto Caro y Cuervo*. T. XXV. Enero-Abril, 1970, n.º 1.